

# Educação para a disciplina da fé: a construção do catolicismo romano no Ceará (1867 - 1920)

*Education for the discipline of faith: the Roman Catholicism construction in Ceará (1867 - 1920)*

**Eduardo Lúcio Guilherme Amaral<sup>1</sup>**



## Resumo

Trata-se aqui do processo de romanização do Ceará, sob o viés da política educacional católica. Romanizar, à época, não significa somente afirmar a ortodoxia da fé, mas disciplinar o culto, as devoções populares e a organização do laicato. Nesse sentido, a criação do Seminário Diocesano de Fortaleza (da Prainha) vai-se constituir no núcleo gerador de todo o processo de disciplinarização. A partir daí, são formados os padres alinhados a hierarquia romana, quebrando-se, assim, os laços ideológicos com o regime de padroado. Num segundo momento, a substituição das antigas irmandades católicas pelas sociedades assistencialistas (como a Sociedade São Vicente) desorganiza a atuação autônoma dos leigos, subordinando-os à hierarquia diocesana.

Além das escolas católicas e de toda uma gama de instrumentos, a pressão cotidiana dos bispos sobre as antigas práticas devocionais transformam o catolicismo no Ceará, embora com serias resistências por parte do catolicismo devocional, de aspectos messiânicos.

Palavras-chave: **Romanização. Educação Católica. Irmandades. Seminário Diocesano de Fortaleza. Regime de Padroado. Messianismo.**

## Abstract

The Romanization process of Ceará State occurred under the catholic education politics influence. Romanize, at that time, meant more than affirming the orthodoxy of faith, in other words to discipline the cult, the popular devotions and the organization of the non religious person. In that sense, the creation of the Diocesan Seminar of Fortaleza (at Prainha) will be built in the generating core of the whole disciplining process. Starting from then, priests became aligned with the Roman hierarchy, breaking, like this, the ideological bonds with the patronage regime. Still, the substitution of the old Catholic fraternities for the assisting societies (like São Vicente Society) disorganizes the autonomous performance of those who were the non religious, subordinating them to the diocesan hierarchy. Besides the Catholic schools and an entire range of instruments, the bishops' daily pressure on the old devotion practices transforms the Catholicism in Ceará State, in spite of the devotional Catholicism resistance, of messianic aspects.

Keywords: **Romanization. Catholic education. Fraternities. Diocesan Seminar of Fortaleza. Patronage regime, messianic.**

## Introdução

É sintomático que, logo nas edições da Tribuna Catholica (1867-1869), o bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos<sup>2</sup>, tenha escrito dois artigos sobre a necessidade da disciplina do clero e do laicato. No primeiro deles, escrevia Dom Luís:

A obediência devida do bispo pelos clérigos

é indicada por São Paulo[...] ella é sancionada é pelo Pontífice São Clemente, que declara infames os clérigos desobedientes ao Bispo e os exclue do Reino de Deus.

Emfim, os Sacerdotes apromettem expressamente na ordenação.

Os clérigos devem, pois, inteiramente obedecer ao Bispo [...].

<sup>1</sup> Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do curso de Ciências Sociais da Universidade de Fortaleza. E-mail: eduardolucio@unifor.br.

<sup>2</sup> Dados biográficos de Dom Luís Antônio dos Santos em: CAMARA, Fernando. "D. Luís Antônio dos Santos". In: Revista do Instituto do Ceará, tomo XCV, 1980: \_\_\_\_\_. "Os primeiros bispos do Ceará" in: Revista do Instituto do Ceará", tomo XXXII, 1918; \_\_\_\_\_. "Dom Luís Antônio dos Santos: o apóstolo do Ceará". In: Revista do Instituto do Ceará, tomo XCV, 1980; MOTA, Leonardo. "Notas para a história eclesiástica do Ceará". In: Revista do Instituto do Ceará, tomo LX, 1946;

Daqui vem, sem, a permissão do Bispo, o clérigo não pode deixar o serviço da igreja ao qual esta unido [...] e nem sahir da diocese, mesmo para fazer uma piedosa peregrinação, e, se o fizer, será privado de celebrar [...] e nem sua licença servi de testemunha perante juiz leigo [...].

Elles devem sobre tudo absterem-se de offendello [...]³

Exortar à obediência e disciplinar os costumes e as praticas da Igreja no Brasil foram as conseqüências mais sentidas e evidentes no cotidiano do católico tradicional brasileiro⁴, embora não resumam todo o projeto da romanização⁵. Desde a expulsão dos jesuítas (1749) de Portugal e colônias pelo então primeiro-ministro do Reino, o Marquês de Pombal, o catolicismo luso-brasileiro revestira-se de características muito peculiares que o distinguiam definitivamente da liturgia romana e o afastavam da hierarquia papal.

Em primeiro lugar, havia a proeminência do Estado sobre a igreja na administração do culto e dos bens eclesiásticos. Este é o regime de Padroado, típico da Contra-Reforma Católica. Assim, o clero tornava-se um apêndice da administração publica e as paróquias, por sua vez, locais privilegiados da ação do Estado. Se o padre era funcionário público, a paróquia funcionava como cartório oficial.

Em segundo lugar, dentro da lógica bidimensional da cruz e da espada, unidas no projeto colonizador e sob o mesmo rei, reforça-se a idéia da oficialidade da religião católica, requisito necessário ao gozo de todos os privilégios e direitos políticos.

\*\*\*

O Brasil independente herda da legislação portuguesa o antigo regime de padroado. Os dois

imperadores foram, ao mesmo tempo, os chefes da igreja católica no Brasil. Mas isso gerou algumas conseqüências interessantes. Em primeiro lugar, dada a escassez das vocações clericais, a pobreza em que vivia a Igreja no Brasil e as grandes distancias do território, o Estado flexibilizou as normas de conduta da vida eclesiástica.

Por exemplo, o celibato clerical nunca fora levado a sério dentro do universo católico brasileiro. São inúmeros os casos de padres que não só fogem a esta prescrição como também constituem família com filhos. Este é o caso clássico de padres como José Martiniano de Alencar (senador, pai do escritor homônimo) ou de Thomaz Pompeu de Souza Brasil (senador), só para citar os casos mais conhecidos da província do Ceará.

O cotidiano mergulhado na política é também uma face visível do clero brasileiro. Desde os movimentos nativistas do século XVIII, passando pelas insurreições localistas do início do século XIX ou mesmo pelo parlamentarismo do Segundo Reinado, é recorrente a participação ativa de padres no debate político⁶, não raro representando as alas mais radicais do debate público. Este e o caso do padre Mororó, líder cearense da Confederação do Equador, ou de Frei Caneca, em Pernambuco, ambos executados em praça pública. Esses padres “revolucionários”, leitores da Enciclopédie francesa representam claramente o grau de liberdade de que gozavam durante o regime de padroado, desde que não atentassem contra a soberania do Império⁷. Nas demais cidades, juntamente com o médico local, o padre sempre fora uma liderança natural e candidato às câmaras dos diversos níveis.

Corridos cinqüenta anos do século XIX, o Brasil

³ Tribuna Católica. “Obediência” de 18-08-1867. Ver também os artigos de 03-05-1868 e de 10-05-1868 do mesmo jornal, chamados “Chronica Religiosa” e que são exortações à disciplina do clero e do laicato;

⁴ Francisco José Pinheiro defende que, após a romanização, “para o povo nada mudou em relação à religião, continuará praticando sua religião individual, com a família, ou nas missas, muitas vezes nas festas de padroeiros a cada ano. Para este povo a liberdade de consciência e religião não alterou sua pratica religiosa[...]”. Quero defender aqui que o projeto romanizador atinge a experiência do catolicismo como um todo, mesmo nas camadas mais humildes, devido a um processo de disciplinamento através da educação para a religião. Cf. PINHEIRO, Francisco José. “O Processo de Romanização do Ceará” in: SOUSA, Simone de. História do Ceará. 4ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1995. (p.208)

⁵ Para o debate historiográfico a respeito da romanização no Brasil: DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; CASALI, Alípio. Elite Intelectual e Restauração da igreja. Petrópolis: Vozes, 1995; VAINFAS, Ronaldo. “Romanização”. In: Dicionário do Brasil colonial (1822-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002; SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Círculos Católicos Operários: a igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ / UFRJ, 2002; AZEVEDO, Thales de. Igreja e Estado em Tensão e Crise. São Paulo: Ática, 1978; AZZI, Riolando. O Catolicismo Popular no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978; CEHILA, História da Igreja no Brasil. Coleção Geral da Igreja na América Latina. Tomo II, volume II. Petrópolis: Vozes, 1980; MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. O Trono e o Altar: vicissitudes do tradicionalismo católico no Brasil. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992 e MARCHI, Euclides. A Igreja e a Questão Social: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915). São Paulo: USP, 1989 (tese de doutorado).

⁶ Cf. CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem / Teatro de Sombras. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / Relume Dumará, 1996.

só contava com seis dioceses, abrangendo distâncias enormes e impedindo qualquer forma de controle efetivo sobre a conduta, formação e hábitos dos párocos, os quais, por sua vez, administravam paróquias enormes e se distanciavam do cotidiano dos fiéis e de suas necessidades espirituais ou sacramentais. De alguma forma, esses elementos possibilitaram a existência de uma religiosidade popular mais ou menos livre de controles dogmáticos.

Dessa maneira, a experiência do catolicismo popular brasileiro<sup>8</sup> revestiu-se de matrizes extremamente peculiares, dando início a, por exemplo, processos de sincretismo religioso, ou mesmo de práticas extremamente devocionais e messiânicas, abrangendo inúmeras tradições religiosas, dos milenarismos sebastianistas aos orixás afro-brasileiros<sup>9</sup> e às crenças indígenas (principalmente no que se refere aos interditos alimentares e práticas de cura), criando todo um espectro religioso original, que de alguma forma ainda sobrevive nos rincões mais isolados do país.

Na falta de padres para as missas cotidianas, o culto era administrado pelas irmandades ou confrarias tradicionais. Reflexo de uma sociedade desigual e segregacionista, as irmandades organizavam-se a partir de solidariedades raciais ou profissionais, ou de ambos os modos, quando isso era evidente para a comunidade<sup>10</sup>. Geralmente, as irmandades do Santíssimo Sacramento ou de Nossa Senhora do Carmo eram reservadas à elite local<sup>11</sup>; Nossa Senhora do Livramento (ou Patrocínio), aos pardos; Nossa Senhora do Rosário, aos negros.

Via de regra Nossa Senhora das Dores era designada padroeira de uma irmandade feminina, São Gonçalo do Amarante e Nossa Senhora dos Navegantes eram padroeiros dos pescadores, e assim por diante. Na falta de missas, nas procissões cada irmandade mostrava à cidade seu esplendor e afirmava seus valores comuns. Não se deve perder de vista que as irmandades leigas foram, em muitos casos, o único bastião de participação social para grupos tradicionalmente excluídos, como pobres, negros e mulheres.

E, finalmente para as elites brasileiras, educadas na tradição de Coimbra, de forte influência do liberalismo pombalino, o chamado “iluminismo português”, a devoção e as práticas religiosas confundem-se sistematicamente com a afirmação do nacionalismo<sup>12</sup>. O culto a São Jorge<sup>13</sup>, em Portugal e no Brasil, por exemplo, remonta a essa identificação. A força da maçonaria nestes setores é incontestável<sup>14</sup> - do imperador aos funcionários de província, as declarações abertas de pertencimento a essa sociedade não denotam nenhum tipo de controle inquisitorial por parte da autoridade eclesiástica.

Enfim, podemos afirmar que, em linhas gerais, o catolicismo tradicional brasileiro garantia amplas liberalidades doutrinárias a seus membros, constituindo-se numa religiosidade heterodoxa por excelência. No topo, há um clero secular de hábitos mundanos, obedientes ao Estado e não à Santa Sé; temos uma elite que é católica apenas nominalmente, marcadamente indiferentista, não se aferrando a qualquer ortodoxia; na base, a multidão dos fiéis que

<sup>7</sup> “O Clero nacional, dos tempos pombalinos até às vésperas da questão religiosa, não se distinguia com raras exceções, por qualquer demonstração de ortodoxia. Mais freqüentadores das letras francesas do que latinas, mais versados nas literaturas profanas do que nas obras piás, muitos dos nossos clérigos estavam saturados dos ideais iluministas, das reivindicações democráticas e liberais da Revolução Francesa” in: BARROS, Roque Spencer de. “Declínio e Queda do Império: vida espiritual” in: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Historia Geral da Civilização Brasileira – o Brasil Monárquico*. Volume II, tomo IV. São Paulo: DIFEL, 1971;

<sup>8</sup> Sobre as peculiaridades da experiência religiosa popular brasileira, ver: HOONAERT, Eduardo. *O cristianismo moreno do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991; BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; DEL PRIORE, Mary. *Festas Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000; SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; NOGUEIRA, João. “Os Congos”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XLVII, 1934; \_\_\_\_\_ “A Chegada dos Caboclos”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, tomo L, 1936;

<sup>10</sup> Sobre as irmandades e confrarias tradicionais cf. CAMPOS, Eduardo. *As irmandades do Ceará Provincial*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1980; BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Atica, 1986; MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972; BARROS, Roque Spencer de. “Declínio e Queda do Império: a vida espiritual”. Op. cit.

<sup>11</sup> No museu diocesano Dom José, na cidade de Sobral (CE), há uma sala em que se expõem as imagens dos santos cultuados à época. Cada santo ou santa acompanha o biótipo do grupo em que é cultuado. Nossa Senhora do Carmo, por exemplo, é sempre loira com os olhos azuis. Por sua vez, na matriz de Viçosa, a imagem de Nossa Senhora de Conceição tem traços indígenas.

<sup>12</sup> Cf. VITA, Luís Washington. *Antologia do Pensamento Social e Político no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968; VILLAÇA, Antônio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975; HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1974; MOURA, Odilão. *Direções do Pensamento Católico no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978.

<sup>13</sup> O “Santo Guerreiro”, além de Padroeiro de Portugal, foi o símbolo da Reconquista e da formação nacional portuguesa.

<sup>14</sup> BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: Editora da Unicamp / FAPESP, 1999

segue suas próprias tradições centenárias e vive uma religião familiar, doméstica e cotidiana<sup>15</sup>.

O artigo de Dom Luís, “A falta de respeito nas igrejas”, pode ser lido como um diagnóstico (aos olhos de um ultramontano<sup>16</sup>) da situação da fé católica no Ceará sobre o Padroado:

*Se observamos com atenção, e se com cuidados ponderamos as cenas, e os escândalos que diariamente se praticão na casa de Jesus Christo, se presenciemos os espetáculos praticados durante o incruento sacrificio da Nova Aliança; ora, durante o momento solemne, em que o Ministro Filho de Deus, na cadeira da verdade instrui o povo, lhe ensinando as verdades da vida eterna; se, finalmente, penetrando no limiar do templo sagrado, nossa visita se estende sobre essa multidão de povo, que se aglomera no recinto da igreja, muitas vezes levada pela indiferença, disposta a assistir os officios santos como se estivesse em um theatro; não podemos nunca conceber que este povo traga as insignias de verdadeiros christãos, nem que seja filho de uma igreja que, como ama, Mãe solícita e carinhosa, manda que se respeite a casa santa de seu immaculado espozó [...] Não! Tudo tem o seu termo. O templo de Deus não será mais profanado: as irreverências terrão um fim; os sacrilégios um paradoro! O theatro será sempre um theatro! A Casa de Deus será sempre uma casa de oração.<sup>17</sup>*

\*\*\*

Em poucas linhas, notamos o grau de animosidade por parte da ortodoxia romana, quando defrontada com o catolicismo tradicional brasileiro. Para boa parte dos fiéis, a missa se parece com um teatro: ou seja, o mistério da eucaristia e da consubstanciação do corpo de cristo de vinho em sangue e de hóstia em corpo era visto enquanto simbolismo romano de difícil compreensão. O uso do latim na celebração deveria aprofundar ainda mais essa distância do rito e da sua percepção pelo povo. As “cenas e espetáculos que diariamente se praticão”, notadas pelo bispo, provavelmente são manifestações da informalidade do

culto popular, ainda não disciplinado para o silêncio, para a genuflexão e para os sinais elaborados para a missa romana. Muito pelo contrário: com a capela há uma imensa familiaridade e para com o santo protetor há uma relação de amor e ódio. Por exemplo, prática ainda corrente é a de por Santo Antônio amarrado de cabeça para baixo enquanto não se arranja casamento. As experiências sobrenaturais, comuns no culto afro-americanos, deveriam aparecer cotidianamente no serviço da missa, levando o crente a um estado de catarse ou possessão. Daí o espanto de Dom Luís, educado no severo Colégio Pio Latino-Americano de Roma, encarregado da disciplina do culto, dos sacramentos e da guarda ortodoxia romana, frente ao contexto intrincado da religiosidade brasileira.

O processo de romanização do Brasil explicita-se após a chamada “Questão dos Bispos”, nos anos 1870<sup>18</sup>. Seguindo determinação da Santa Sé<sup>19</sup>, os bispos de Olinda e do Pará expulsam os maçons das irmandades leigas e dos cultos em geral. Sendo instituições legalmente reconhecidas pelas leis do Império, as irmandades recorrem da decisão e iniciam uma grave crise jurisdicional na Igreja: finalmente, o clero deveria obediência ao Papa ou ao Imperador? A prisão dos bispos de Olinda e do Pará divorcia definitivamente a cúpula do clero da vida civil. A proclamação da Republica em 1889 e a conseqüente separação da Igreja e do Estado parecem ter sido bem acolhidas por parte dos bispos, que se vêem livres da intromissão civil na vida eclesiástica<sup>20</sup>.

A construção do catolicismo romano passa pela disciplinarização do clero, do culto, das elites e da experiência religiosa popular. Cada etapa desse processo de disciplinarização é acompanhada por um intenso movimento de catequese, conversão e expurgo dos elementos refratários ao processo. Nesse contexto, a educação católica surge como vetor privilegiado da romanização. São criados seminários<sup>21</sup>, escolas católicas<sup>22</sup>, pastorais de catequese, círculos assistenciais de leigos que promovem ortodoxia, entre outros. Por outro lado, as irmandades são progressivamente

<sup>15</sup> FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1996;

<sup>16</sup> Ultramontano designa aquele que é fiel ao Papa romano. A palavra vem de “ultra-montes”, depois dos montes, ou seja, dos Alpes, a Itália.

<sup>17</sup> Tribuna Catholica. “A Falta de respeito nas Igrejas”, de 25-08-1867. Ver também o interessante artigo de 24-11-1867 chamado “A moda”, do mesmo jornal;

<sup>18</sup> Também chamada de “Questão Religiosa”;

<sup>19</sup> Cf. Pio IX Exortae in Ista. Bula Papal de 29-04-1876. in: IGREJA CATÓLICA. Documento de Gregório XVI e de Pio IX. São Paulo: Paulus, 1999;

<sup>20</sup> MARIA, Padre Júlio. A igreja e a República. (2ª edição). Brasília: Editora da UnB, 1988;

desencorajadas e muitas delas sofrem a intervenção direta do bispo, como a Irmandade de São Francisco das Chagas do Canindé. Essa irmandade, de rico patrimônio no Estado do Ceará, é acusada de servir a interesses particulares e ser agente de malversação do dinheiro dos fiéis. Finalmente, o bispo Dom Joaquim José Vieira, sucessor de Dom Luís, a submete a jurisdição da diocese e extingue a gestão laica do patrimônio de São Francisco<sup>23</sup>.

Como forma de garantir a participação dos leigos, as irmandades são substituídas por sociedades assistencialistas, fortemente disciplinadas e ligadas à hierarquia clerical. No Ceará, as Sociedades São Vicente de Paulo assumem esse papel e constituem-se em elos entre a hierarquia eclesial e a elite leiga católica<sup>24</sup>. Instituições leigas, como o Círculo Católico, criado já nos anos de 1920, demonstram o vigor da mobilização católica e da ascendência dos bispos sobre os fiéis. Num período de cinquenta anos, revertem-se parcialmente, mas de forma irreversível, os caminhos da religiosidade brasileira. É claro que os movimentos messiânicos do início do século XX demonstram que o catolicismo popular subsistia com força nos locais mais distantes, mas a rapidez com que os bispos condenam tais movimentos (alcançados logo de “fanatismos”) é um testemunho da intolerância a qualquer manifestação de heterodoxia ou liberdade da fé romana.

A educação para a disciplina deveria incidir sobre três níveis da ação católica. Em primeiro lugar, os seminários garantiriam uma formação mais rígida do clero, exortando-o à disciplina, ao celibato e à hierarquia; num nível intermediário, o foco recairia sobre o laicato, principalmente se pudermos falar da “elite civil” dos fiéis: ao mesmo tempo que se desencoraja a ação autogestora das irmandades, constrói-se uma imensa rede assistencialista baseada em círculos católicos

submetidos à hierarquia. Diversas associações de leigos surgem entre o final do segundo reinado e os vinte primeiros anos de vida republicana<sup>25</sup>. Entre eles, além da já mencionada Sociedade de São Vicente de Paulo, o Círculo Católico<sup>26</sup>. Nessas associações, o leigo é chamado a participar mais efetivamente da causa da Igreja no país. Durante e mesmo após a voga cientificista que seduzira os intelectuais cearenses, sempre existira uma parcela militante de intelectuais católicos. Esses intelectuais serão cada vez mais fundamentais na construção do projeto romanizador e serão as bases da política católica dos anos de 1920 e 1930.

Não resta dúvida que o boom das escolas católicas estava articulado com o projeto de tornar a Igreja mais presente socialmente e de lhe garantir uma ascendência intelectual ameaçada desde a difusão das idéias cientificistas, positivistas, evolucionárias etc. Essa seria a romanização pelo “alto”.

E, finalmente, para a maioria dos fiéis, o cotidiano católico se transforma paulatinamente. O desencorajamento das irmandades provocara uma lacuna na organização comunal. A missa dominical passa a ser o centro da vida católica, ficando as procissões em segundo lugar. Os tradicionais cultos aos santos padroeiros são substituídos pela adoração à Santíssima Trindade, ao Imaculado Coração de Maria, ao sagrado Coração de Jesus, à Sagrada Família etc<sup>27</sup>, ou seja, por devoções mais afinadas com a linha romana. De alguma forma, o fim das irmandades parece ter afastado o fiel de uma participação mais efetiva no culto e tê-lo colocado numa condição mais passiva, distante da administração do sagrado.

\*\*\*

A maioria das irmandades tradicionais possuía instrumentos de salvaguarda dos seus membros em

<sup>23</sup> Cf. QUINDERÉ, Monsenhor José. “Dom Joaquim”. Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXI, 1947; ROCHA, Augusto da. “Primeiro centenário da paróquia de Canindé”. In: Revista do Instituto do Ceará, tomo XXXII, 1916; BERGAMO, Frei Cirilo de. “Apontamentos históricos das capelas da paróquia de Canindé”. In: Revista do Instituto do Ceará, tomo XXXVI, 1922; COSTA, João Facundo Vieira da. “Notas políticas e religiosas da vila de Canindé”. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo XX, 1906;

<sup>24</sup> Sobre a Sociedade de São Vicente de Paulo: STUDART, Guilherme. Allocução do presidente do conselho central da Sociedade de São Vicente de Paulo, o Barão de Studart, na assembléia de 22 de julho de 1906. Fortaleza: Sociedade de São Vicente de Paulo e Typographia Minerva, 1906; \_\_\_\_\_, “O Amor Cristo”, In: CAMARA, João. Almanach estatístico, industrial, comercial e litterario do Ceará. Fortaleza: Typographia Econômica, 1900; SOCIEDADE de São Vicente de Paulo ao comemorar o 40. aniversário de sua fundação. Fortaleza: Typographia Moderna, 1919; SUCUPIRA, Luís, “O Ceará dentro do movimento vicentino”. In Revista do Instituto do Ceará, tomo LXXXVII, 1973; PAIVA, J. Fastos vicentinos no Ceará: a constituição da hierarquia”. In: Revista do Instituto do Ceará, tomo 1960; ADERALDO, Mozart Soriano. “Sociedades Vicentinas no Ceará”. In Revista do Instituto do Ceará, tomo XCVI, 1982;

<sup>25</sup> Para dados acerca do Estado do Ceará, ver ANEXO.

<sup>26</sup> Do Círculo Católico do Ceará: STUDART, Guilherme. Allocução proferida no Círculo Católico de Fortaleza e 22-07-1906. Fortaleza: Sociedade de São Vicente de Paulo, 1906; \_\_\_\_\_, Locução proferida no Círculo Católico. Fortaleza: Typographia Minerva, 1915; ANDRADE FURTADO. Elogio fúnebre de Sua Santidade o Papa Pio X. Fortaleza: Círculo Católico / Tipografia de Assis Bezerra, 1914;

caso de doença, morte e viuvez. Para determinadas irmandades, como a dos negros e marginalizados em geral, a “caixinha” era a única forma de proteção social<sup>28</sup>. Num breve espaço de tempo, a organização autônoma das comunidades fora substituída por uma rede assistencialista mais ligada ao clero e à hierarquia de Roma. É o caso dos hospitais, nas grandes cidades, e das casas de caridade no interior. Eles substituem a antiga rede de solidariedade por uma nova rede assistência, desenraizada e politicamente mais interessante para as dioceses. Esse seria o projeto da romanização por “baixo”.

No geral, o movimento de romanização promoveu a constituição de um clero intelectualmente mais bem formado, tendo por suporte uma elite econômica e intelectual que lidera os movimentos leigos e, finalmente, uma base de fiéis alijados da militância católica, mantidos à distância das celebrações, incapazes da auto-gestão e proibidos de realizar seus cultos tradicionais. Sem a prática de um amplo espectro de instrumentos de coerção, de disciplinamento, de formação, de submissão, materializados principalmente nas escolas, seminários e pastorais, seria impossível atingir os resultados desejados em tão pouco tempo.

A história da romanização não é uma história isenta de conflitos. As tentativas de controle do sagrado pelo clero serão respondidas com movimentos de resistência e de resignificação por parte do laicato, seja ele de “elite”, seja “popular”. A independência religiosa experimentada pela população brasileira do período do Padroado deixara raízes profundas: os movimentos messiânicos de Canudos, do Contestado ou de Juazeiro, são provas da resistência anti-hierárquica da religiosidade popular. Para as elites, a reprodução dos argumentos modernos contra o dogma e pela liberdade de consciência continuaria agindo na construção de uma sociedade laica. O desafio da Igreja de Roma no sentido de construir a hierarquia e disciplinar a fé foi enorme e ia de encontro a todo um sistema cultural sedimentado. Aqui começamos a pensar a educação para a disciplina da fé: dentro de um

veio cultural permeado de conflitos e resistência num quadro orientado pela busca do poder e da hegemonia do sagrado.

## Referências

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 1974.

ADERALDO, Mozart Soriano. **No mar de Tiberíades**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1984.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e Legislação**. São Paulo: Educ, 2000.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Barão de Studart: memória da distinção**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Política e intelectuais no Instituto do Ceará**. 2002. 197 f. Dissertação (Mestrado em História Social)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANDRADE, F. Alves de. **O seminário de Fortaleza e a cultura cearense**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1967.

AZEVEDO, Thales de. **Igreja e Estado em tensão e crise**. São Paulo: ?tica, 1978.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. (Coleção Cadernos de Teologia e Pastoral, n.11).

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas, SP: Unicamp/FSPEP, 1999.

BARROS, Roque Spencer de. Declínio e queda do império: a vida espiritual. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico: declínio e queda do império**. São Paulo: Difel, 1971. v. 2, t. 4, p. 271-306.

BARROSO, Francisco de Andrade. **Igrejas do Ceará: crônicas histórico-descritiva**. Fortaleza, 1997.

<sup>27</sup> Isso é facilmente perceptível quando estudamos as “invocações” das irmandades e as comparamos com as das Sociedades de São Vicente de Paulo. Mesmo os padroeiros das novas igrejas estão afinados com Roma. Caso notável é o da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Fortaleza, construída pelo bispo diocesano Dom Joaquim José Vieira e pelo rico “capitalista”, o Barão de Aquirás;

<sup>28</sup> Cf. Borges, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção branca de homens negros: as irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII*. Niterói: UFF, 1998 (tese de doutorado); ASSIS, Maria Virgínia Almoêdo. *Pretos e Brancos a serviço de uma ideologia da dominação*. Recife: UFPe (dissertação de mestrado).

- BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará**. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Atica, 1986.
- BOXER, Charles. **A idade de ouro do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BURGUIERE, André. **Dicionário de ciências históricas**. São Paulo: Imago, 1996.
- CAMPOS, Eduardo. **As irmandades do Ceará provincial**. Fortaleza: Secretaria do Desporto e da Cultura, 1980.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem e teatro de sombras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da igreja**. Petrópolis: Vozes 1995.
- CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.
- CEHILA. **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 1980. v. 2
- CORRIGAN, Raymond. **A igreja do século dezanove**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Universidade Estadual Paulista, 1999.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Cidadania republicana e educação: governo provisório do Mal. Deodoro e Congresso Constituinte de 1890-1891**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 17. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem da escravocata**. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997.
- GHIRANDELL JUNIOR, Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. Barueri: Manole, 2003.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HOONAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HOONAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1500-1800)**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- IGREJA CATÓLICA. **Documentos de Gregório XVI e Pio IX**. São Paulo: Paulus, 1999.
- IGREJA CATÓLICA. **Documentos de Pio X e de Bento XV**. São Paulo: Paulus, 2002.
- LE GOOF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- LEAL, Hélio Ideburque Carneiro. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário: a matriz de Aracati**. Fortaleza: Minerva, 1998.
- LIMA, Danilo. **Educação, igreja e ideologia**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- LIMA, Francisco. **O seminário da Prainha**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.
- LIMA, Lana Lage et al. **História e religião**. Rio de Janeiro: Faperj, 2002.
- MARCHI, Euclides. **A Igreja e a questão social: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)**. 1989. 521 f. Tese (Doutorado em História Social)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- MARIA, Júlio. **A Igreja e a república**. Brasília, DF: UnB, 1981.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1978. v. 5-6.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o império (1871-1889)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

- MENESES, Antônio Bezerra de. **Descrição da cidade de Fortaleza.** Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1992.
- MENESES, João Furtado de. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto: a religião em Ouro Preto.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1975.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **Evolução do catolicismo no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1972.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **A historiografia cearense da abolição.** Fortaleza: UFC, 1988.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **O trono e o altar: vicissitudes do tradicionalismo católico no Ceará.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992.
- MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MOURA, Odilão. **As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XIX.** São Paulo: Convívio, 1978.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república.** Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- NEDER, Gislene. **Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1979.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república.** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Plínio Correia de. **Em defesa da ação católica.** 2. ed. São Paulo: Artpress, 1983.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **A aristocratização provinciana de Fortaleza.** 1995. 232 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política.** Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1998.
- PIMENTEL JUNIOR. **Doutrina social da igreja.** São Paulo: Dominus, 1963.
- PONTE, Sebastião Rogério da. **Belle-époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930).** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha., 1993.
- QUINDERÉ, José, Monsenhor. **Dom Joaquim José Vieira: segundo bispo do Ceará.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.
- SAVIANI, Demerval et al. **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- SCHWARCZ, Lílian Moritz. **As barbas do imperador.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWARCZ, Lílian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA NOBRE, F. **1001 cearenses notáveis.** Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos operários: a igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ, 2002.
- SOUSA, Maria da Conceição. **Índice temático anotado da revista do Instituto do Ceará: tomo 1 a C e especiais.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado do Ceará, 1988.
- SOUSA, Simone de. **História do Ceará.** 4. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- STUDART, Guilherme; STUDART, Newton Jacques. **Dicionário biobibliográfico cearense.** Fortaleza: Tipografia Progresso, 1980.
- STUDART, Newton Jacques. **Barões do Ceará.** Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985.
- STUDART, Newton Jacques. **Viscondes e condes do Ceará.** Fortaleza: Imprensa Oficial, 1983.
- VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil imperial (1822-1889).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Sabino de. **História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- VITA, Luís Washington. **Antologia do pensamento social e político do Brasil.** São Paulo: Grijalbo, 1968.